

Crianças, sujeitos de direitos: um desafio para a teologia africana

Children, subject of rights: a challenge for African theology

Sidney Pereira de Souza e Silva¹

RESUMO

Este artigo pretende destacar os avanços da igreja africana e da sua teologia – que tem alguns nomes de peso, incluindo algumas mulheres – que têm contribuído para uma melhoria na África diante dos seus desafios: miséria, recessão econômica, doenças, fome, guerras e violência contra grupos minoritários, mulheres e crianças. Atenta-se, também, para o papel importante da Teologia Africana em relação a temas como o racismo, a opressão do mercado e a opressão da religião. É apresentada a triste realidade de Moçambique, onde este pesquisador já teve a proveitosa oportunidade de trabalhar e visitar seis vezes, cuidando e ajudando crianças de rua nas suas grandes cidades. Assim, pretende-se encorajar outros investigadores a continuarem seus estudos sobre a Teologia Africana e como ela pode ser libertadora.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia Africana. Crianças de Rua. Moçambique. Ministério Arco-Íris. Transformação Social.

ABSTRACT

In this paper we want to show the advances of the African church and its theology – which has some important names, including some

¹ Bacharel em Teologia, mestrando em Ciências das Religiões (Faculdade Unida, Vitória, ES), Educador Social e autor dos livros: *Carregadores do Maior Sonho de Deus, Resgatado para Contar*. Pastor na Comunidade Evangélica Nova Esperança e na ONG Esperança Sem Limites.

women – that have contributed to an improvement in Africa in the face of its challenges: poverty, economic recession, disease, hunger, wars and violence against minority groups, women and children. It also addresses the important role of African Theology in dealing with issues such as racism, market oppression and the oppression of religion. The sad reality of Mozambique is presented, where this researcher has already had the opportunity to work and visit six times, caring for and helping street children in their big cities. Thus, it is intended to encourage other researchers to continue their studies on African Theology and how it can be liberating.

KEYWORDS

African Theology. Street children. Mozambique. Arco-Íris Ministry. Social transformation.

Introdução

O século XXI apresenta um desafio muito grande, refletido no rosto de milhares e milhares de crianças vivendo em situação de rua nas grandes cidades dos países africanos. O número é alarmante e crescem as estatísticas referentes a crianças que são forçadas a viver na rua por causa da pobreza, tortura, abusos, abandonos, doenças, orfandades, guerras, conflitos regionais. As violações dos direitos dessas crianças, que têm ocorrido corriqueiramente no continente africano, vêm de muito tempo atrás. É uma tragédia silenciosa e esquecida por muitos. Os direitos básicos e legais, como o direito à vida, à liberdade e à segurança, estão sendo negligenciados.

Este artigo examina a resposta da Teologia Africana a esse crescente problema social – as crianças de rua – e observa que Moçambique sofre com dezenas e dezenas de menores vivendo em situações assustadoras, nas ruas das suas grandes cidades. Ele questiona as iniciativas e as estratégias que o governo e a igreja africana estão utilizando para abordar esse assunto e o que a comunidade moçambicana e os teólogos estão fazendo para transformar essa triste realidade. Também mostra que as iniciativas da Teologia Africana – no sentido de transformação social e,

principalmente, de uns olhares para as crianças – ainda são pequenas e poucas. A família moçambicana, que deveria ser o refúgio, a proteção das crianças moçambicanas, infelizmente, é parte do problema. Nas seis vezes que estive em Moçambique e outros países na África, foi possível notar que os pais enviam seus filhos ou filhas para pedir esmolas, roubar ou até se prostituírem. As crianças sofrem violências inimagináveis, até mutilações, causando-lhes uma dor infinita para conseguir algum dinheiro, nas ruas de Maputo, capital de Moçambique.

O artigo pergunta como a Teologia Africana pode incluir as crianças de rua na mesa da comunhão de Cristo, em especial em Moçambique, pela história de guerra que o país tem, os conflitos e inúmeras crianças de rua que morrem sem que sejam devidamente contadas como seres humanos. Espera-se que a Teologia Africana abrace a causa dessas crianças de rua das suas grandes cidades, bem como tente mudar a realidade das mulheres e crianças do continente. O artigo utiliza pesquisa bibliográfica, a experiência e observação *in loco* pelo pesquisador, além de acompanhamento e aconselhamento aos familiares e amigos das crianças, resultado das seis vezes em que estive na África, trabalhando e dando treinamento para educadores e missionários que atuam com crianças de rua nas grandes cidades e nos treinamentos dados a políticos, agentes de leis e educadores sociais, no ano de 2016, pelo Unicef, em Maputo.

Ao abordar o universo dessas crianças que sofrem, diariamente, com a fome, a violência e a pobreza, o artigo procura apontar a realidade vivida por elas e como influenciar aquele país para que se torne uma nação mais segura e cheia de esperança para a juventude. “Nosso recurso mais valioso são nossas crianças; nos dias de hoje nós as estamos deixando de lado em proporção sem precedentes”².

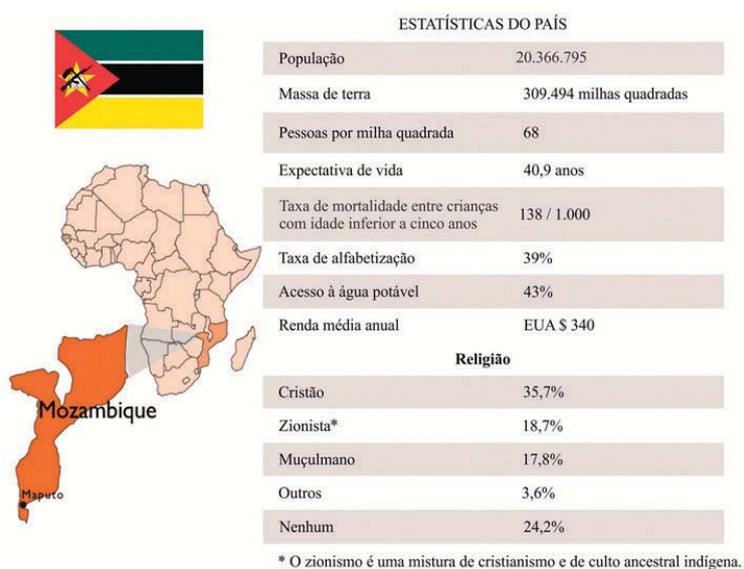
1. Dados sobre Moçambique

A África é um continente com 55 países, milhares de etnias de grupos variados e dialetos diferentes, algo que veio de herança do longo

² THOMAS, N. L. *Quando o amor não é suficiente*. Um guia para crianças parentais com transtorno de anexo reativo – RAD. Revisado e Atualizado. M.: Olga Mitireva, 2012.

período de colonização. Mesmo depois da independência dos países africanos, o continente africano ainda sofre os efeitos da colonização europeia. Até hoje o continente europeu e agora os Estados Unidos tratam a África como se fosse seu curral. O continente africano é um produto puro da colonização europeia, que tanto utilizou mão de obra barata e saqueou os recursos naturais desse continente tão sofrido.

Figura 1 – Moçambique – Dados sobre o país



Fonte: www.portaldogoverno.gov.mz

Moçambique localiza-se na costa sudeste da África, faz fronteira com a Tanzânia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, Suazilândia e África do Sul. Possui 1.430 milhas de litoral de lagoas, recifes de coral e ilhas. O clima é tropical, com estação chuvosa de outubro a março e estação seca de abril a setembro. Os recursos naturais incluem carvão, titânio, gás natural, hidrelétricas e grafite.

Makhuwa, uma das suas maiores etnias, abrange cinco milhões de pessoas, que vivem, principalmente, no norte do país. O povo Sena habita no vale do Zambeze; o povo Rhonga o sul do país. Outros grupos étnicos incluem os Suaíli, Tsonga e Yao.

Apesar de ser instituído como língua oficial do país e ser ensinado nas escolas, o português é utilizado pela população moçambicana apenas como uma segunda língua. Os dialetos Tonga, Suaíli, Changana, entre outros, são usados nas diversas províncias. Já entre os cidadãos estrangeiros predomina o idioma português e, também, o inglês – ensinado nas escolas e usado em relações comerciais.

Portugal foi o primeiro país colonizador de Moçambique, desde 1505, tendo governado o país durante 470 anos. Em 1975, Moçambique conquistou sua independência. O primeiro presidente do país independente foi Samora Moisés Machel. Seu sucessor foi Joaquim Chissano, que ganhou a primeira eleição democrática do país, em 1994. Moçambique registrou algumas das suas maiores taxas de crescimento econômico na década de 1990, mas depois sofreu retrocessos enormes, por causa de desastres naturais (2000 e 2001). Em 2 de fevereiro de 2005, foi empossado Armando Guebuza, que finalizou seu segundo mandato em 2015. Filipe Nyusi, o atual presidente de Moçambique, assumiu o governo em 15 de janeiro de 2015.

As inundações de 2007, situação da qual este pesquisador participou durante sua estadia no país, ocorridas a partir do ciclone Favio, e as fortes chuvas sazonais, no início de 2008, desabrigaram mais de 87 mil moçambicanos e destruíram 876 quilômetros quadrados de plantações e deixaram um número estimado de 660 mil pessoas necessitadas de assistência alimentar. As inundações ao longo do vale Zambeze, somadas a uma seca nas regiões central e sul, levaram ao completo fracasso da safra de milho do país.

Conforme relatórios como o de Leis de Resposta a Desastres de Dimensão Internacional (IDRL), nos últimos anos, as mudanças climáticas provocaram enormes perdas, como “[...] a grande seca do início da década 90, cheias em 2000 e 2001 e de novo em 2007 e 2008; ciclones em 1994 (Nádia), 2000 (Elina) e em 2007 (Fávio)”³. Pelo fato de mais de 80% da população depender da agricultura como modo de vida, em consequência, o país, em 2015, passou a ocupar a posição número 180 entre as 188 nações em todo o mundo no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),

³ IDRL. *Leis de resposta a desastres de dimensão internacional em Moçambique*. Genebra: Federação Internacional das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, 2012, p. 24.

de acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano 2015, publicado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)⁴.

A taxa de desemprego na população de mais de 15 anos é de 18,7%. Setenta da população vive abaixo da linha da pobreza e cerca de 80% das pessoas sobrevive com menos de dois dólares por dia. Um desequilíbrio comercial substancial também existe: Moçambique é fortemente dependente da África do Sul para o alimento essencial e o fornecimento de petróleo e, em troca, exporta energia hidrelétrica para a África do Sul. Seus sistemas de educação e de saúde também sofrem. Metade das crianças em idade escolar não consegue completar a escola primária e apenas 7% frequenta a escola secundária. A maior parte das crianças é forçada a juntar-se aos seus pais na agricultura de subsistência⁵.

Enfermidades como Aids, malária, tuberculose e cólera afetam o país, sendo a malária a principal causa de morbidade e mortalidade, estando nos grupos de maior risco as mulheres grávidas e as crianças.⁶ Além dessas principais causas de sofrimento e morte entre as crianças, é possível indicar ainda a desnutrição. A taxa do Aids, 16%, tem aumentado nos últimos anos. Hoje, 1,8 milhão de pessoas vivem com o vírus HIV e mais de 500 mil crianças perderam um ou ambos os pais por causa da doença. Quase metade das crianças menores de cinco anos sofre de nanismo, consequência da desnutrição crônica.

Os dados de 2017 continuam alarmantes, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique:

Dados gerais sobre Moçambique	
População 2017	27.128.530
Esperança de Vida à Nascimento 2017	54,4
Taxas de Mortalidade Infantil 2017	75,9
Taxa de Crescimento do PIB 2016	3,8%
PIB Per Capita USD 2016	411,28

Fonte: www.ine.gov.mz

⁴ JAHAN, Selim. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. O trabalho como motor do desenvolvimento humano. Brasília: PNUD, 2015, p. 35.

⁵ IDRL, 2012, p. 20.

⁶ IDRL, 2012, p. 25.

Maputo, a capital, em comparação com o resto do país, é uma cidade privilegiada por ter muitos canais de progresso e evolução social, com seus aproximados dois milhões de habitantes. Mas apresenta também zonas onde os seus habitantes vivem abaixo da linha da pobreza, com problemas diários urbanos e sociais, com deficiências em segurança, infraestrutura, saneamento básico, serviços de transporte, de fornecimento de água, luz, recolhimento de lixo, etc. Nas suas ruas, há crianças e mendicantes, principalmente velhos e deficientes e loucos andarilhos.

1.1. O que é Teologia Africana

Teologia Africana é o estudo que procura refletir sobre as expressões de fé dos africanos, em como expressar sua fé usando seu jeito de pensar, sem ter um controle ou a opressão de uma teologia vinda de fora. Um personagem importante da teologia africana é Vincent Mulago:

Mas ninguém que queira fazer uma teologia africana verdadeira, pode ignorar os esforços e os estudos de Mulago. Aquele que “Se estivesse nas tintas” para este grande pioneiro condenar-se-ia a ser amnésico; e o que despreza o seu pensamento não ignora apenas uma qualquer posição teológica, mas despreza todo um dom que Deus fez à sua Igreja de África.⁷

Gabriel Setiloane afirma que a “expressão ‘teólogo africano’ foi usada pela primeira vez em 1965 pela conferência das Igrejas de toda a África. Mesmo então era vista mais como um slogan nacionalista do que como uma realidade”⁸. Baseado nas Escrituras, ele fala muito sobre a “alma africana”, o que é relevante para o povo africano. É a tentativa dos teólogos africanos de articularem a fé por meio do contexto cultural africano.

Embrulhado como está, como dizem os africanos, em ataduras ocidentais, o cristianismo é difícil de digerir dentro do contexto africano.

⁷ BUJO, Bénédzet Bujo. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2008, v. 1, p. 29.

⁸ SETILOANE, Gabriel Molehe. *Teologia africana: uma introdução*. São Paulo: Editeo, 1992, p. 48.

O que tem acontecido na África é que os cristãos africanos têm vivido em dois níveis: o nível de sua visão de mundo tradicional africana e o nível da cultura ocidental.⁹

Quando um africano começa ler teologia com as próprias lentes, isto pode até causar uma interpretação que não é bem-vinda ou aceita pelos teólogos ocidentais.

É por essa razão que Ka Mana julga que o grande desafio para a igreja da África no contexto atual é de se libertar de tudo aquilo que, tanto na modernidade como na tradição africana, reduz a nada o homem africano, debilita a sua força de criatividade, entregando-o de pés e mãos atadas à influência das estruturas monstruosas das políticas africanas ou às garras assassinas dos mestres da economia mundial.¹⁰

Neste processo, é importante lembrar que a atividade cristã na África é muito antiga. O Novo Testamento menciona vários eventos nos quais os africanos foram testemunhas da vida de Cristo e do ministério dos apóstolos. É possível que a história do cristianismo na África tenha começado quando esses africanos compartilharam o que testemunharam com outros africanos. O Evangelho de Lucas registra que um cireniano foi obrigado a carregar a cruz de Jesus, antes da crucificação. Cirene estava localizada no norte da África, a mais ou menos 1.600 quilômetros da cidade santa de Jerusalém. O livro de Atos registra que, no dia de Pentecostes, egípcios e outros africanos estavam entre a multidão e ouviram os apóstolos proclamarem o Evangelho na sua língua nativa. Registra, ainda, a conversão de um influente eunuco etíope ao cristianismo e também que, depois da jornada missionária dos apóstolos para Chipre, novos convertidos de Chipre e Cirene pregaram o Evangelho aos gregos¹¹.

A propagação do cristianismo em todo o Egito e na África do Norte, durante os primeiros cinco séculos, foi rápida e intensa, apesar da prevalência de falsos ensinamentos, perseguições e martírio. De fato, muitos

⁹ SETILOANE, 1992, p. 50.

¹⁰ BUJO, Bénézet. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2014, v. 3, p. 163.

¹¹ ALMEIDA, 1980.

dos primeiros pais da Igreja eram africanos e nomes bem conhecidos, como Agostinho de Hipona, Orígenes e Tertuliano.

O desafio mais urgente da teologia aqui [na] África: esforçar-se, antes de tudo, por ser uma verdadeira teologia e por fazer parte da comunidade teológica universal. Os teólogos africanos nada têm a ganhar em dobrarem-se sobre si mesmos: condenar-se-iam fatalmente a ficarem teólogos de segunda. Tenham eles a ambição de colaborar para o processo da teologia católica universal. Se neste grande diálogo entre os estudiosos, dispersos pelo mundo inteiro, eles chegarem um dia a fazerem ouvir uma voz tipicamente africana, tal será uma grande alegria para todos os que tiverem tido o privilégio de iniciá-los na investigação teológica. São Tomás não se contentou com repetir servilmente Santo Agostinho. Cada nova geração cristã, cada novo povo cristão deve repensar [sobre] o cristianismo a seu modo. Aos africanos que querem, aplica-se a esta grande tarefa, todos desejamos o maior êxito. Mas lembrem-se sempre [de] que uma grande teologia, com valor para toda a catolicidade, só se constrói com base num exame paciente e minucioso das fontes da revelação e em contacto permanente com as grandes correntes do pensamento universal.¹²

Com a expansão islâmica, no sétimo século, o cristianismo se retraiu, perdendo espaço para a nova fé que surgia no cenário africano. Os muçulmanos, vitalizados pela dinâmica de uma nova fé, espalharam-se rapidamente da Arábia para o norte da África, Ásia e mesmo para a Europa pela Espanha.

1.2. Moçambique e a Teologia Africana

A declaração do Encontro Pan-Africano dos Teólogos do Terceiro Mundo, em Acra, Gana, de 17 a 24 de dezembro de 1977, afirma:

Entre nós havia protestantes, ortodoxos e católicos, que se exprimiram com toda a liberdade, colocando em conjunto as suas preocupações e transpondo as limitações do âmbito oficial. Usufruímos também da experiência de vivermos juntos em comunidade do povo

¹² BUJO, 2008, v. 1, p. 185.

de Deus, com os nossos irmãos e irmãs da América Negra, da Ásia, da América Latina, das Ilhas das Caraíbas e do Pacífico. Foi uma oportunidade de sentir o ardor de estarmos juntos como um povo que partilha das mesmas preocupações, pelo facto de estarmos sujeitos a um mundo repleto de opressão e de injustiças, que, na maioria das vezes, não são da nossa autoria.¹³

A Teologia Africana nasceu por causa da influência da Teologia da Libertação.

A teologia negra já é bem conhecida e estabelecida, por ter iniciado uma polémica histórica, ético-moral e sociopolítica com o mundo branco (Ocidental), dentro da experiência e do ensinamento cristãos. Por outro lado, a Teologia Africana estende a polémica às esferas sociocultural e psicológica, por ser o único lugar no continente onde os negros estão enfrentando a ameaça ocidental (branca) de todas as partes, a África do sul tem sido o lugar onde o debate tem provocado mais calor e emoção.¹⁴

A Teologia Africana devolve os negros de volta às suas raízes, é uma luta para a libertação da alma africana, da prisão nos subterrâneos do conceitualismo e discurso ocidental¹⁵. A Teologia Africana tem também que responder a três desafios: 1 – a violência antropológica ou desculturação, que nega a dignidade do Africano; 2 – a violência econômica, que recusa aos africanos o direito de usufruir plenamente dos recursos materiais do continente; 3 – a negação de si, que é uma consequência das duas primeiras, em que o africano é persuadido a ser inferior.

A Teologia Africana do Séc. XXI tem de desenvolver vias e metodologias próprias. [...] Trata-se de saber como é que o Evangelho pode ser libertador, banindo por um lado, aquilo que fere a dignidade humana, mas tendo em consideração, por outro, os elementos bons e corretos presentes no espírito fundador da tradição. Da tradição africana original, embora evitando imitar a metodologia ocidental.¹⁶

¹³ BUJO, Bénézet. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2012, v. 2, p. 271.

¹⁴ SETILOANE, 1992, p. 63.

¹⁵ SETILOANE, 1992, p. 63.

¹⁶ BUJO, 2012, p. 268.

Jesus, embora sendo filho de Deus e nascido de uma mulher judia, foi, verdadeiramente, um de nós, identificando-se com toda a raça humana; é um Deus de todos, inclusive da mulher negra, do homem negro e da criança negra em Moçambique, que também podem participar de todos os seus direitos legais de filhos do Deus vivo. Os cristãos africanos precisam ter os seus olhos da “fé” abertos e internalizar os pontos cruciais da Teologia Africana para trazer libertação e paz ao seu continente.

O cristianismo enfatiza grandemente a vida em comunidade e os relacionamentos entre pessoas e povos: 1Cor 13: a ideia de Ágape-Amor; 1 Jo 4,20; Tg 2,1-13¹⁷, preceitos que derivam dos ensinamentos dos profetas do Antigo Testamento, como cuidar das viúvas e dos órfãos. A Teologia Africana confirma que sempre se deve ter um olhar de libertação a homens, mulheres, crianças e pessoas com algum tipo de deformação ou problema de saúde, no continente africano. Sobre isso, pensa Magesa: “Uma espiritualidade cristã autêntica preocupa-se com a dignidade da pessoa humana. O encontro com Deus tem lugar primeiramente sobre a terra, e não nos céus”¹⁸.

A Teologia que moçambicanos receberam foi, na verdade, a Teologia Ocidental, que, muitas vezes, não liberta, mas aprisiona.

A Igreja não pode ser autenticamente Igreja, se ela não anunciar a justiça, ao mesmo tempo que denuncia a injustiça. Enquanto [for] porta-voz de Deus, deve falar por Deus. Um tal modelo de Igreja, como profeta e guia do povo, no caminho para uma verdadeira humanidade, implica o serviço. Assim, ao cumprir o seu papel profético, a Igreja faz-se serva.¹⁹

É preciso, portanto, estabelecer as diferenças entre a Teologia Ocidental e a Teologia Africana. A primeira valoriza o indivíduo, sua liberdade; a Teologia Africana focaliza mais o grupo. O Ocidente valoriza o relógio e a agenda. O africano valoriza o evento. A valorização da educação acadêmica vem mais do europeu, enquanto os africanos valorizam mais as lições de vida.

¹⁷ ALMEIDA, 1980.

¹⁸ BUJO, 2012, p. 252.

¹⁹ BUJO, 2012, p. 250.

[...] na medida em que Jesus [...] vem como amigo, como homem de paz, sem preconceitos, ele será acolhido de braços abertos. É dado que ele se apresenta como “enviado de Deus”, os seus hospedeiros terão uma atenção especial aos gestos e às palavras da mensagem da “nova religião” e tentarão decifrá-las no horizonte de sua própria experiência espiritual, sem a qual a vinda de Jesus e da sua mensagem se arrisca a ser sentida “como uma ameaça, um perigo [...]”. Um tal perigo pode ser evitado desde que conforme o consenso exegético moderno e a tradição do magistério da Igreja, a vinda de Jesus não prossiga de modo nenhum objetivos totalitários ou redutores. É à luz desta abertura da mensagem cristã a todas as culturas que a vinda de Jesus ao mundo africano pode ser articulada a partir dos valores africanos socioculturais realmente vigentes.²⁰

Não é possível pensar na própria fé, como africano, sem proceder a uma leitura com um olhar africano da Palavra de Deus. Segundo Mage-sa, “As correntes da libertação africana são: libertação cultural; libertação religiosa; libertação estrutural; libertação psíquica”²¹.

2. A realidade das crianças de rua em Moçambique

A expressão “criança de rua”²² refere-se à criança que mora ou trabalha nas ruas. Segundo a ONU, chega-se a 150 milhões de crianças “abandonadas e descartadas”²³, que estão enfrentando drogas, pobreza, violência, doenças e falta de moradia e que, na sua maioria, são consideradas vítimas da “violência econômica”. Com relação a Moçambique, há quem tire

²⁰ BUJO, 2008, v. 1, p. 88-89.

²¹ BUJO, 2012, p. 255.

²² O termo “criança de rua” (*street children*) foi usado pela primeira vez em 1851, pelo escritor Henry Mayhew, na obra *London Labour and the London Poor*; o seu uso geral foi alcançado apenas em 1979, definido como o Ano da Criança, pelas Nações Unidas. Cf. WILLIAMS, C. Who are “street children?” A hierarchy of street use and appropriate responses. *Child Abuse & Neglect*, n. 17, p. 831-841, 1993.

²³ ONU. *Abandonadas e descartadas: mais de 150 milhões de crianças vivem nas ruas, alertam especialistas da ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/abandonadas-e-descartadas-mais-de-150-milhoes-de-criancas-vivem-nas-ruas-alertam-especialistas-da-onu/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

proveito das crianças de rua, abusando delas sexualmente, violentando-as fisicamente ou colocando-as para vender coisas nas ruas de Moçambique, como balas ou frutas. Dezenas de meninas com idade a partir dos sete anos de idade se prostituem com estrangeiros que lhes pagam três dólares por uma relação de abuso. Uma pessoa que nasce com alguma deficiência ou muito pobre, em Moçambique, está fadada ao fracasso e à negligência aos seus direitos. O vínculo com a família é quebrado muito cedo, e essas crianças são forçadas a viver na marginalidade e nas ruas obscuras de Moçambique, clamando por ajuda e por alguém que as possa ajudar.

2.1. O que ocorre com as crianças de rua em Moçambique

As crianças de rua, em Moçambique, são pessoas marginalizadas, vistas como incapazes ou, na interpretação da cultura local, maldição ou desgraça na família, porque muitas delas têm distúrbios mentais ou alguma deficiência física. Elas são o grupo menos favorecido na sociedade, sem muitas oportunidades para estudar ou um lugar na sociedade, vivendo em situação de extrema pobreza.

De acordo com Bujo, a “pobreza é algo que é preciso combater, pois com frequência ela nasce da cobiça humana, a qual produz desequilíbrios na distribuição dos recursos mundiais, pelo que alguns possuem demasiado e outros nada. Uma tal pobreza opõe-se à libertação”²⁴. Ainda sobre a pobreza, o Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (Parpa I) 2001-2005 informa sobre as raízes da pobreza em Moçambique, que afeta milhares de famílias e dá-lhe uma das suas definições:

[...] incapacidade dos indivíduos de assegurar para si e os seus dependentes um conjunto de condições básicas mínimas para a sua subsistência e bem-estar, segundo as normas da sociedade. Utilizou-se no mesmo estudo o consumo per capita (ou seja, consumo total do agregado familiar dividido pelo número de membros) como a medida básica do bem-estar individual [...].²⁵

²⁴ BUJO, 2012, p. 253.

²⁵ MOÇAMBIQUE. *Documento de estratégia e plano de acção para a redução da pobreza e promoção do crescimento económico*. PARPA I. Republica de Moçambique, 2001, p. 10. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/moz_parpa.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Muitas vezes, aqueles que deveriam cuidar das crianças, os pais, são aqueles que estão trazendo dores e sofrimento profundos na vida delas. Em Maputo, é possível observar, ainda, que muitas mulheres mais velhas são cada vez mais obrigadas a serem mães de seus netos por causa da pobreza, da migração ou da Aids.

Moçambique, no entanto, tem experimentado uma rápida melhoria em sua economia. Ao longo da última década, o país se classificou entre as dez economias de crescimento mais rápido do mundo, com uma média de 7,5% ao ano, mais do que quase qualquer outro país subsaariano que não produz petróleo.

Infelizmente, a vida e o bem-estar das crianças moçambicanas, que constituem 52% da população, não melhoraram no mesmo ritmo e, lamentavelmente, a África e a Teologia Africana têm ignorado o desafio social que são as crianças de rua. A resposta tradicional do governo, dos adultos, dos empresários e de outras pessoas é de repressão. Crianças e adolescentes que são pegos em pequenos delitos, às vezes são colocados em lugares onde não podem sair por um bom tempo, tendo todos os seus direitos violados. Isso pode durar semanas ou meses. Não há muitas alternativas para ter uma vida melhor, quando se é um morador de rua, em Moçambique.

E, quando são retiradas das ruas, as crianças raramente conseguem ir para um abrigo seguro. Não raro, sofrem abusos e violência policial, sendo mortas ou enviadas de volta para os lugares rurais ou cidades de onde vieram. Dentro das igrejas, na maioria, o evangelho pregado não tem nada a ver com as injustiças sociais que alarmam a nação, porque não é contextualizado, mas transportado de outras culturas, de outros contextos sociais e sufocado pela Teologia Ocidental. Falta uma teologia que, realmente, venha trazer uma transformação social nesses países africanos.

2.2. A família e a sociedade – aspectos socioculturais

Muitas das crianças de rua em Moçambique não têm uma casa com pais amorosos, um lugar seguro, escola e alimentação adequada. Elas sofrem muito com os seus progenitores. Sua situação é de abandono, além dos espancamentos, vícios, brigas, violência, abusos e violação de

seus direitos básicos, o que leva muitas delas a buscar refúgio nas ruas. Assim, oferecer-lhes condições para seu crescimento como indivíduos – tornando-as capazes de serem felizes e produtivas dentro de sua realidade, de sua potencialidade e seus limites – é um desafio para muitos missionários, na sua maioria, estrangeiros, que moram há anos em Moçambique.

Em Moçambique, as crianças que moram nas ruas e abrigos amavam ouvir a minha história, muito parecida com a delas. Eu vivi numa favela muito pobre em Minas Gerais, com um pai abusivo com a família, em todos os sentidos, o que levou todos os meus irmãos e irmãs a fugirem de casa. Fiquei nas ruas de Belo Horizonte dos seis aos 11 anos de idade, fui resgatado por uma ONG evangélica, onde passei sete anos, sendo tratado e trabalhado, ocasião em que passei a ter uma vida muito melhor. Hoje tenho minha família e trabalho com o resgate de crianças das ruas das grandes cidades do mundo, como em Maputo e em outros 28 países, dando treinamento para missionários e educadores que atuam ou queiram atuar com crianças de rua. Era desafiador ouvir as terríveis histórias de violência vividas pelas crianças que tinham sido resgatadas das ruas de Moçambique. Mas algo inesquecível era ver como elas eram gratas por haver alguém para abençoá-las e tentar ajudá-las.

Para diminuir a quantidade de crianças de rua, é necessário fortalecer seu vínculo com a família e o governo moçambicano está começando a entender isso. Algumas iniciativas estão sendo tomadas para criar e fortalecer esse vínculo familiar, o que não pode ocorrer diante de extrema pobreza, degradação humana e crescentes injustiças sociais, muito menos ainda sem o respaldo da Teologia Africana valorizando o homem e a mulher. Se o país investir na família, a tragédia das centenas de crianças de rua diminuirá.

As figuras 1, 2 e 3 mostram uma parte do trabalho desenvolvido pelo pesquisador:



Figuras 1, 2 e 3 – Atividades desenvolvidas com crianças de rua, em Moçambique²⁶

²⁶ Fotos do arquivo pessoal do pesquisador.

2.3. Crianças e violência em Moçambique

A violência sofrida pelas crianças, em Moçambique, inclui traumas, abuso físico, emocional ou sexual, negligência, tráfico humano, tráfico de órgãos e trabalho escravo infantil.

Os sofrimentos que são causados por esta situação provocam milhares de mortos, sem falar das detenções e das situações penosas dos refugiados. É nossa convicção que a vontade de Deus para as Igrejas na África é não apenas que elas se oponham a todas as formas de opressão ou de sofrimento, mas ainda que elas evitem qualquer aliança direta ou indireta com as forças da opressão [...]²⁷.

Por causa desses tipos de violência, as crianças acham algumas formas para se defender: agem de maneira superficial e artificial; evitam contato visual, menos quando estão mentindo ou enganando; demonstram afeto indiscriminado por estranhos; não sabem dar e receber afeto; têm problemas extremos de controle, querem tudo ao seu modo; são extremamente dissimuladas; agem de forma destrutiva em relação a outras crianças, animais de estimação e até mesmo com relação ao seu próprio corpo; mentem, contam histórias sem sentido e inventadas; distorcem a verdade; são impulsivas: veem algo e querem; roubam; há pouca ou nenhuma premeditação; têm distúrbios de aprendizagem e incapacidade de fazer as tarefas do modo ensinado; muitas vezes, não desenvolveram uma consciência, podem chutar ou estrangular um cachorro ou um gato e se sentirem poderosas, porque não têm empatia; não raro, apresentam padrões de alimentação anormais: ou passam fome ou se empanturram; falam por três razões: para interromper, para fazer barulho e para controlar; não usam a linguagem para fazer contato, mas para manipular e representar; são exigentes, tocam as pessoas de maneira inapropriada, geralmente para serem “engraçadinhas” com estranhos.

As crianças de rua não são mentalmente perturbadas e violentas, mas sim seres que precisam de orientações e ajuda para conseguir sair dessa situação. É imperativo mostrar para elas que alguém as ama. E preciso

²⁷ BUJO, 2012, p. 273.

mostrar-lhes que elas podem estar vivendo um dos momentos mais difíceis da sua vida, mas existem pessoas que se importam com elas. É responsabilidade e dever dos cristãos ajudar aqueles que não conseguem ajudar a si mesmos.

3. O papel dos missionários na vida das crianças moçambicanas

O missionário é a pessoa em quem a criança moçambicana de rua deposita extrema confiança. Para estabelecer um vínculo com essas crianças de rua, é necessário prover todas as necessidades diárias básicas delas: alimentação; roupas; sol; cama e cobertores; hora para brincar; cuidados médicos; exercícios; limites; tarefas; amor incondicional e vínculo (contato visual, toque, movimento, sorrisos).

O papel do educador missionário na vida daquelas crianças é imprescindível, pois, nesse cenário, conforme o Ministério da Saúde, metade da população de Moçambique tem menos de 18 anos e só 32% têm acesso à escola primária; 28% morrem antes dos cinco anos de idade; 38% com menos de três anos são desnutridos; a esperança de vida, por causa da Aids, baixou para 38 anos²⁸. É frequente encontrar crianças de cinco ou seis anos de idade transportando os seus irmãozinhos nas costas. Saem de todos os lugares, em bandos, sempre sorridentes, livres como os passarinhos e felizes à sua maneira, mas nos olhos é possível ver a real e verdadeira tristeza que estão passando. Fazer missão nestas condições exige que o/a missionário/a tenha uma correta noção de sua opção de seguir e imitar o Cristo. Neste processo de imitação e seguimento, o/a missionário/a envidará esforços para minimizar as dores destes pequeninos.

3.1. As crianças no ministério de Jesus

Há uma esperança para as crianças: “Pois o Evangelho é poder de Deus para todo aquele que crer” (Rm 1,16)²⁹. É seu objetivo que todos

²⁸ OSÓRIO, Maria Assunção. As crianças em Moçambique. *Cadernos de Educação de Infância*, n. 94, set./dez. 2011.

²⁹ ALMEIDA, 1980.

cresçam de maneira integral e que sejam conduzidos a um relacionamento com o próprio Deus e com seu semelhante, inclusive as crianças moçambicanas. O sofrimento tem feito parte da experiência humana desde a rebelião de Adão e Eva contra a vontade de Deus, no jardim do Éden e muitas vezes ele parece injusto. Com frequência, os inocentes padecem nas mãos dos maus e, mesmo os justos, às vezes, sofrem amargamente, enquanto criminosos escapam da punição.

No entanto, Jesus é constantemente bondoso para com os discriminados pela sociedade – pecadores publicamente reconhecidos, samaritanos, gentios e os pobres. Sua atitude em relação às mulheres, numa era patriarcal, também se mostrou positiva e sensível, como na narrativa bíblica de Mt,20,29-34³⁰: Jesus passava pela cidade de Jericó, quando dois cegos clamaram por sua misericórdia e Jesus, que valoriza e conhece o ser humano, foi ao encontro deles e atendeu às suas necessidades mais profundas. Ainda hoje se constata essa realidade: as pessoas são colocadas à margem da sociedade, por alguma limitação ou situação. Como Jesus, é preciso ir ao encontro dessas pessoas e assisti-las em suas necessidades.

3.2. As crianças de rua em Moçambique e o Evangelho

Ao se pensar a relação entre crianças de rua e o Evangelho, em Moçambique, deve haver um despertar para a urgência dessa realidade em nosso tempo. Depois, pensar em estratégias de conscientização, como:

- Promover congressos de capacitação para pessoas que queiram trabalhar com as crianças moçambicanas em situação de rua.
- Capacitar igrejas brasileiras para trabalhar com projetos de crianças de rua, em Moçambique.
- Levar o povo de Deus moçambicano ao conhecimento da realidade vivida pelas crianças.
- Despertar a igreja para assumir o compromisso de orar e se envolver na evangelização dessas crianças, investindo em escolas, centros de cuidado e proteção.

³⁰ ALMEIDA, 1980.

3.3. Apresentação do Projeto em Pemba

O Ministério Arco-Íris, na cidade de Pemba, é composto de um grupo com cerca de 450 crianças e adolescentes que saíram das ruas de Moçambique. Na sua maioria, são crianças em fase escolar, outras que já estão na faixa etária de jovens adultos. A fundadora dessa ONG foi uma missionária dos Estados Unidos, que atuava na China quando Deus a chamou para ir a Moçambique. Ela chegou ao país na época da guerra civil que assolava aquela nação, na década de 80. Atualmente, o ministério “Arco-Íris” atende também muitos outros centros que cuidam e protegem centenas de crianças e adolescentes que vieram das ruas. Também conseguiu expandir-se, chegando a outras nações, no continente africano e no Brasil, tendo bases no Rio de Janeiro e Fortaleza.

Há anos, este ministério trabalha com crianças e adolescentes resgatados das ruas de Moçambique, objetivando dar voz e visibilidade aos que tanto precisam de um lugar seguro, de carinho, paz e transformação de vida. O seu maior propósito é trabalhar a realidade das crianças moçambicanas e indicar caminhos para a evangelização e sua inclusão na igreja e na sociedade. Ou seja, resgatar, transformar e reintegrar à sociedade crianças e adolescentes em risco mortal evidente.

Conclusão

A África tem um longo passado cristão, que preparou o continente para a evangelização do século XIX. Hoje, esse continente participa ativamente do movimento missionário, não somente como receptor de missionários, mas também como remetente. A ascensão das igrejas independentes africanas contribuiu para a indigenização da mensagem bíblica. Os africanos não se sentem menos africanos por serem cristãos, mas entenderam o cristianismo como elemento importante de sua cultura, assim como o Islã e as religiões tradicionais. A participação de líderes cristãos no movimento de independência dos países africanos demonstra que a fé não exclui uma visão crítica da realidade.

O continente africano sofre muito com guerras, fome e doenças. E, geralmente, é esta a única imagem que o Ocidente conhece de lá. No entanto,

lá se acha um povo forte, culturalmente rico e com uma história fantástica. O cristianismo é um elemento dessa realidade, que, como toda realização humana, carrega consigo uma ambiguidade. Em relação às crianças de rua, embora não seja fácil, a sociedade precisa entender que a criança é, acima de tudo, uma pessoa total. A elas devem ser oferecidas condições para o seu crescimento como pessoas, tornando-as capazes de serem felizes e produtivas na sociedade. Isso requer que a nação moçambicana acorde para essa triste realidade e faça algo para mudar, para sempre, esse quadro. Se todos juntarem esforços – a Teologia Africana, o Governo, a Igreja e ONGs – será possível, ecumenicamente, transformar essa realidade.

Figuras 5, 6, 7 e 8 – Crianças moçambicanas em diversas atividades



Fonte: Fotos produzidas pelo autor.

Referências

- ALMEIDA, J. F. *A Bíblia vida nova*. 2. ed. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- BUJO, Bénézet. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2008. v. 1.
- _____. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2012. v. 2.
- _____. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. São Paulo: Paulinas, 2014. v. 3.
- FALL, M. Street children, *Populli*, v. 13, n. 4, p. 47- 53, 1986.
- FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- FREEMAN, M. *The rights and wrongs of children*. London: Francis Printer Publishers, 1983.
- IDRL. *Leis de resposta a desastres de dimensão internacional em Moçambique*. Genebra: Federação Internacional das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, 2012.
- INDE. Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Atlas de Moçambique*. Maputo: Editora Nacional de Moçambique, 2009.
- INE. Instituto Nacional de Estatísticas. *II recenseamento geral da população e habitação 1997: resultados definitivos*. Moçambique: Censo 97. Disponível em: <http://pdf.usaid.gov/pdf_docs/pnach105.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- JAHAN, Selim. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2015*. O trabalho como motor do desenvolvimento humano. Brasília: PNUD, 2015.
- MOÇAMBIQUE. *Documento de estratégia e plano de acção para a redução da pobreza e promoção do crescimento económico*. PARPA I. Republica de Moçambique, 2001. Disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/moz_parpa.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017
- _____. *Plano de acção para a redução da pobreza absoluta para 2006-2009*. PARPA II. Republica de Moçambique, 2005. Disponível em: <<https://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk.technology.mozambique/files/pics/d53720.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

- PORTAL do Governo de Moçambique. Disponível em: <<http://www.portaldogoverno.gov.mz/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- RELIEFWEB. *Southern Africa*: IRIN News Briefs. Commission investigates prison deaths. 8 jan. 2001. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/angola/southern-africa-irin-news-briefs-8-january>>. Acesso em: 21 ago. 2017.
- SETILOANE, Gabriel Molehe. *Teologia africana: uma introdução*. São Paulo: Editeo, 1992.
- THOMAS, N. L. *Quando o amor não é suficiente*. Um guia para crianças parentais com transtorno de anexo reativo – RAD. Revisado e Atualizado. M.: Olga Mitireva, 2012.
- UNICEF. *The state of the world's children*. Oxford: Oxford University Press. 1985.
- URT. *Child Development policy*. Ministry of community development women affairs and children. Dar-es-Salaam, 1996.
- VAN NIEKERK, P. A. Educational perspective on street children. *Journal of Pedagogics*, v. 11, n. 2, p. 90-103, 1990.
- ZINGARO, L. Working with street kids. *The Child Care Worker*, n. 6, p. 9-11, 1988.

Submetido em: 02/06/2018

Aceito em: 07/11/2018